

Classe média, sim com muita honra

A classe média é a mais vulnerável e exposta minoria da sociedade brasileira. Embora se constitua o parâmetro ideal de referência para qualquer programa de justiça social e identificação cultural — o ponto a que se deseja elevar os pobres e marginalizados —, a classe média é um velho saco de pancadas da direita (que reclama da independência e vocação libertária) e da esquerda (que a considera conformista, conservadora, acomodada, agarrada a privilégios).

Não é por acaso que foi eleita alvo principal do arrocho econômico imposto desde ontem à sociedade brasileira.

Citada pelo Presidente como os 8% da sociedade que paga Imposto de Renda, a classe média vai receber o maior impacto relativo das medidas anunciadas.

Parece incrível que ela não se levante em protesto, que não arregimente suas influências. O próprio Presidente da República é classe média, mas faz parte do caráter da classe média a amnésia da

sua própria condição por parte de quem chega ao poder.

Mas está na hora de uma reação maciça e de um esclarecimento didático sobre os problemas da classe média, cujo tênue equilíbrio econômico fica seriamente ameaçado com agressões como esta de que está sendo vítima.

Ora, a classe média — mesmo considerando seu amplo espectro, que vai dos quase ricos da chamada “classe média alta” aos suburbanos da “classe média baixa” — é caracterizada por uma economia familiar baseada no delicado equilíbrio entre receita e despesa e na utilização de todo tipo de ginástica orçamentária. Muito mais do que os níveis de renda, até mesmo porque esses níveis são muito variáveis, a classe média depende do uso eficiente dos recursos, créditos, jeitinhos e arranjos nas aquisições e consumo.

Resumindo: a classe média vive com dinheiro contado e qualquer alteração de preços e impostos compro-

mete seu consumo, não importa o nível do consumidor.

Daí, a violência desmedida de lançar-se sobre a classe média, assim, de surpresa, a carga de um programa econômico de salvação pública.

O Governo se esquece de que a classe média já suporta as despesas extraordinárias com educação e saúde que o Estado brasileiro é incapaz de lhe fornecer em retribuição à carga tributária que lhe é extorquida nos “descontos na fonte”, já que ela é majoritariamente assalariada.

A classe média precisa deixar de ser considerada, pejorativamente, a “pequena burguesia” malsinada no passado por comunistas e fascistas. Tão pouco é representada pelos “emergentes”, ridículos novos ricos. A classe média brasileira precisa ser vista como o setor da sociedade que se elevou da pobreza e para cujos patamares o conjunto da sociedade precisa ser elevado. Ou jamais seremos uma verdadeira democracia.